

Pioneiros do futuro — uma saga brasiliense



Livro traz negativos inéditos da construção da capital feitos pelo fotógrafo mineiro Geraldo Vieira, um aventureiro e repórter nato que, em diferentes ocasiões, viajava 400km em estrada de terra para eternizar momentos importantes

Registros de uma cidade que surgia

» MANUELA SÁ*

Fotos inéditas da construção de Brasília compõem o livro de arte *Brasília: Geraldo Vieira*, escrito pela jornalista Fernanda Torquato. Com 457 negativos em preto e branco, a obra, em pré-venda, traz imagens que mostram a cidade no processo de se tornar capital, feitas pelo fotógrafo mineiro **Geraldo Vieira**.

De acordo com o neto Henrique Vieira, a vontade do fotógrafo de registrar o nascimento de Brasília foi motivada pela paixão. Envolvido com a comunidade e idealista, Vieira nutria uma “relação pessoal com a loucura de Juscelino Kubitschek” de construir a capital em uma área deserta. Esse vínculo também se devia ao fato de o tio do presidente ser de Araguari (MG), onde morava Vieira. Era um sentimento comum entre os habitantes da cidade a admiração por Kubitschek e por suas ideias.

Descrito por Henrique como aventureiro e repórter nato, o fotógrafo veio para Brasília em diferentes ocasiões interessado em fazer registros de momentos importantes. Na primeira vez, veio acompanhado de uma turma de cerca de 20 pessoas para a primeira missa da capital. Nas vezes seguintes, Vieira veio de Kombi. Era a vontade de ver de perto a concepção da cidade que o levou a percorrer 400 km em estrada de terra e fotografar o que encontrou aqui. Há também fotos da inauguração, feitas quando ele veio acompanhado da família.

O neto destaca a engenhosidade de Vieira. Sabendo da dificuldade que teria em fazer imagens

de Juscelino Kubitschek, sempre rodeado de jornalistas e admiradores, o fotógrafo usou um cabo de vassoura para colocar sua Rolleiflex no alto e tirar bons registros do presidente. Para essa invenção, a família deu o nome de “trapizonga”. Henrique Vieira conta que a criatividade para inovar era característica marcante do avô. “Sua casa era cheia de engenhocas. Algumas para manter a porta aberta, outras para não desligar a torneira”, lembra.

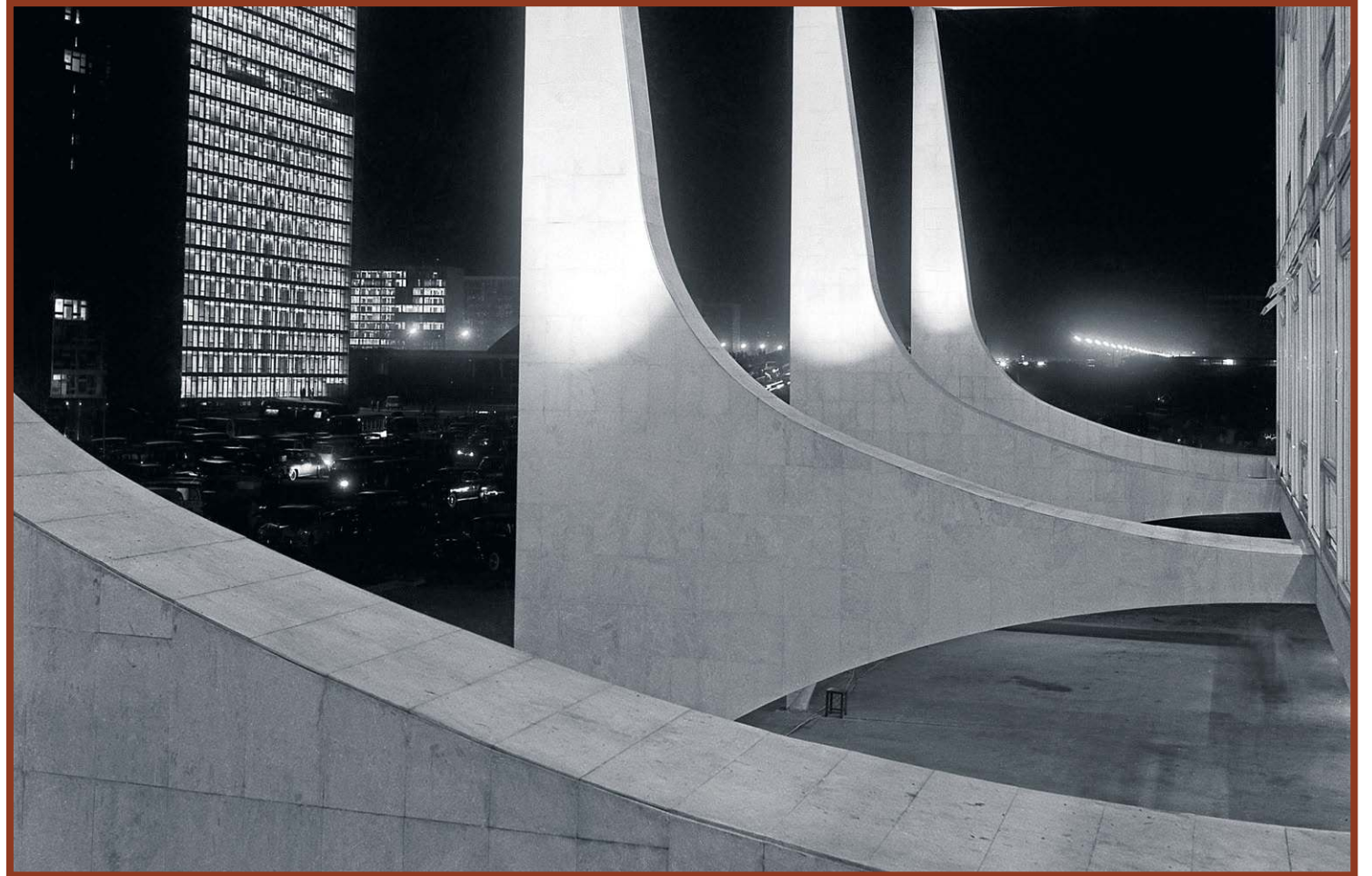
Curiosidades

Fernanda conta que no livro é possível ver imagens que contam curiosidades. Uma das fotos, por exemplo, captura o momento em que o ator americano Leo Carrillo, conhecido por interpretar caubóis, coloca o chapéu na cabeça de Juscelino Kubitschek em uma visita à cidade. Há também registros da corrida de carros feita no dia da inauguração de Brasília, em que aparecem ferraris e porsches. “Elas falam do passado de uma cidade moderna”, descreve a jornalista Fernanda.

Para a autora, essas imagens são o ápice da fotografia de Vieira em questão de estética. Ela conheceu as obras do mineiro a partir de fotos penduradas no Museu dos Ferrovários de Araguari. Já os registros de Brasília estão sob os cuidados da família. Fernanda observa que essas imagens dão ênfase aos monumentos e a grandiosidade da cidade que estava para surgir. “Pelas fotos, parece uma pessoa que está diante de algo muito exuberante, que deseja exaltar”, finaliza.

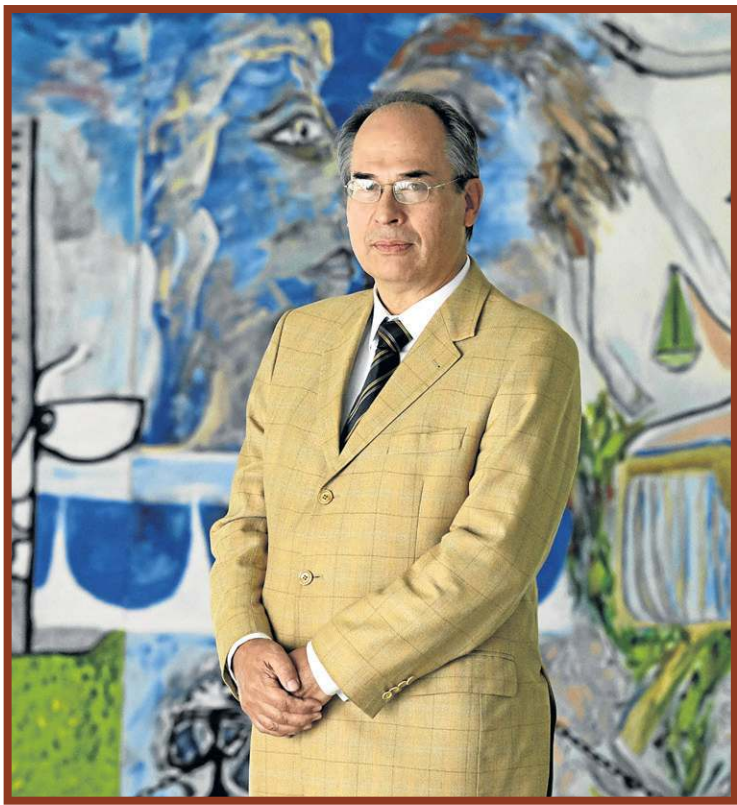


Fotos: Geraldo Vieira/Arquivo pessoal



Palácio do Planalto (acima); trabalhadores plantam grama em frente ao Brasília Palace Hotel; JK conversa com Israel Pinheiro no aeroporto

Carlos Vieira/CB/D.A Press



“O futuro é construído a partir da utopia do presente”, diz Menck

Preservar a história para construir o futuro

Brasília nasceu como uma utopia planejada que, com o tempo, foi sendo alterada para se adaptar às mudanças sociais. Revisitar as ideias originais e ver o que era para ser e o que se tornou pode ser um caminho para construir o futuro. É o que defende o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF), José Theodoro Menck. À frente do instituto responsável pela preservação da memória e da identidade cultural da capital federal, Menck diz que, no local, o público pode conhecer relíquias que contam a história da cidade, além de ter contato com materiais relacionados à geografia, genealogia e antropologia.

Dentre os objetos sob os cuidados do instituto, Menck destaca os pertences do engenheiro Joffre Parada, responsável pela desapropriação das fazendas do Distrito Federal para a construção de

Brasília. Foi ele também quem demarcou o Marco Zero e fez o primeiro mapa do DF. No instituto, estão instrumentos de trabalho, documentos, mapas e fotografias do pioneiro.

Outras relíquias do acervo são o **Jipe** usado por Juscelino Kubitschek durante a construção de Brasília, duas máquinas de projeção do primeiro cinema da cidade e medalhas comemorativas. Menck avalia que parte da importância do instituto e do valor de conhecer seu patrimônio está no fato de que a população pode procurar nos arquivos as ideias originais de quem concebeu a cidade e ver o que

ainda vale a pena ser implementado e o que deu errado.

Por ser uma cidade planejada, que parte dos ideais de futuro de diferentes pessoas, Menck considera que Brasília é uma utopia. Ele conta que a ideia era que a capital fosse um grande jardim. No projeto original, os prédios seriam rodeados por árvores e todos conseguiriam circular pelos amplos espaços. Os pilotis permitiriam que a população andasse por baixo dos prédios e tivesse a visão completa do jardim.

Hoje, pedestres podem andar livremente por baixo dos prédios nas entrequadradas. No entanto,

vários dos vãos entre os pilotis foram tomados por novas construções, como salões de festa, garagens e academias. Menck reflete que essas alterações se dão como resultado de mudanças de valores. Antigamente, por exemplo, o mais comum era fazer encontros em casa. Hoje, muitos moradores optam pelo salão de festa do prédio na hora de reunir amigos e familiares. Esses espaços tapam parte da visão do jardim, tratando-se de uma mudança no plano inicial. “Utopias vão ser alteradas para as necessidades do presente”, diz Menck.

Menck destaca que conservar o passado é uma forma de pensar o agora e escolher a melhor opção para a atualidade. Ele ainda fala que são ideias e sonhos atuais os responsáveis pelos próximos passos. “O futuro é construído a partir da utopia do presente”, afirma. (MS)



IHG-DF

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Mercedes Urquiza veio da Argentina a Brasília em um jipe

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Cosete Ramos ouviu discurso de JK ao transferir a capital para Brasília

Relatos de quem sonhou junto com JK

Antes de Brasília ganhar os contornos de hoje, houve uma geração que ajudou a tirar a cidade do papel e deu vida ao local. Mercedes Urquiza e Cosete Ramos, duas dessas pioneiras, contam o que encontraram quando chegaram aqui e como construíram a vida na capital.

A argentina Mercedes Urquiza decidiu vir a Brasília depois que um amigo de seu marido mostrou para o casal um recorte de jornal noticiando a construção da nova capital em um lugar deserto. Foi pela vontade de acompanhar o desenrolar dessa ideia inusitada e de começar uma nova vida que o casal botou as malas e o cachorro em um jipe e partiu para o planalto central em uma viagem de quase dois meses. Quando chegaram aqui, no

fim de 1957, encontraram a Cidade Livre, núcleo urbano de apoio à construção de Brasília. Para Urquiza, todos eram aventureiros.

Ao longo dos anos, Mercedes conta que teve que se reinventar diversas vezes. No início, assumiu a função de corretora oficial da Novacap, companhia responsável pela construção de Brasília. “Eles me deram uma planta imensa do Plano Piloto, com tudo vazio e à venda. Imagine ter uma cidade inteira à venda, na sua mão”, diz. Hoje, Mercedes guarda com carinho as escrituras desses primeiros 100 lotes vendidos.

Ela também trabalhou como taquígrafa na Universidade de Brasília (UnB), ao lado de Darcy Ribeiro. Outra profissão assumida foi a

de jornalista do periódico argentino *La Nación*. Várias dessas memórias estão no livro *A Trilha do Jaguar: na Alvorada de Brasília*, para o qual busca apoio para lançar a segunda edição.

Já a pioneira Cosete Ramos, filha do deputado federal do Rio Grande do Sul Ruy Ramos, veio para Brasília quatro dias antes da inauguração. Em 21 de abril de 1960, ela estava no Congresso Nacional, de onde acompanhou com o coração batendo forte Juscelino Kubitschek ser ovacionado após a assinatura do decreto que transferiu a capital do Brasil do Rio de Janeiro para Brasília.

Cosete formou-se na primeira turma de normalistas do Centro de Ensino Fundamental Caseb e,

depois, em Pedagogia na UnB. Sobre sua trajetória nesses 66 anos em Brasília, a pioneira conta que ela “começa com esperança, se desdobra em realizações e culmina com um novo sonho, uma pauta internacional, cercada de muitos parceiros: queremos transformar Brasília em Capital da Felicidade”. Segundo Cosete, quando chegou a Brasília, tudo o que encontrou foi terra e chão. O importante para ela foi observar a beleza e o amor na capital para trazer a cidade para dentro de si. “Quando cheguei, consegui ver para além da poeira e do chão e entendi que ali estava o destino do Brasil”, reflete. (MS)

* Estagiária sob a supervisão de Márcia Machado